

# Meu lugar, mon endroit *(título provisório)*

Uma coreógrafa francesa conta a sua trajetória entre sua cultura, a dança contemporânea e as tradições e danças afro-brasileiras



foto © Bénédicte Bos

**Solo para uma bailarina performer  
com a possibilidade de convidar um-a percussionista local**

**Público :** uma versão para todos os públicos + uma versão especial para o público jovem

**Duração estimada :** 60mn (45mn para a versão "jovens") + 20 mn de troca com o público

**Espaços :** palcos, auditórios e outros espaços com possibilidade de projeção de imagens e sons

**Idioma:** português brasileiro

**Direção artística, coreografia e interpretação :**

**FANNY VIGNALS**

**Olhar dramaturgico, assistência na mise-en-scène  
na França :**

**MARIE DOIRET**

**Criação musical :**

**BASTIEN FONTANILLE**

**Criação da luz :**

**ELINHO ROSA**

**Criação dos figurinos :**

*em processo*

**Olhares de fora e dramaturgico, no Brasil :**

*em processo*

**Pesquisadores-consultores em antropologia da dança,  
sociologia e decolonialidade, no Brasil:**

**MARIA ACSELRAD (UFPE)**

**GABRIELA SANTANA (UFPE)**

**AUGUSTO SILVA (UFBA)**

**ELIANE VERAS SOARES(UFPE)**

**Adaptação de danças e músicas tradicionais, montagem  
de arquivos de fotos e vídeos :**

**FANNY VIGNALS**

**Supervisão e consultoria na criação de fotos e vídeos:**

**DIANA GANDRA**

**Consultoria dramaturgica e estratégica :**

**MAXIME FLEURIOT**

**Coordenação da produção no Brasil:**

**CATHERINE SCHLUP**

**Coordenação da produção na França:**

**AURÉLIE ARNAUD**

*A performance inclui elementos das culturas populares e rituais afro-brasileiras.*

---

**Produção :** compagnie Ona Tournà - Gennevilliers, 92-FR

**Coproduções :** Festival Bouche à Oreille - Simorre, 32-FR, New Danse Studio /lieu de fabrique - Brive-la-Gaillarde, 19-FR

**Outros apoios :** Ville de Gennevilliers, 92-FR, Studio Goussaroc, 46-FR

## APRESENTAÇÃO

Originária de famílias de agricultores da região de Lot, no sudoeste da França, Fanny Vignals é coreógrafa contemporânea e pesquisadora em danças afro-brasileiras. Mais de vinte anos depois de ter pisado pela primeira vez no Brasil, essa alteridade se tornou parte dela. Essa cultura multifacetada, que ela teve o privilégio de escolher como cultura adotiva, é parte de sua busca por reparação enquanto mulher e bailarina de alto nível que passou por treinamentos e experiências de vida traumáticas.

Seus encontros com as tradições populares desse país, e depois com a espiritualidade e a profundidade das danças do candomblé transformam e politizam sua carreira. Essa nova herança, com sua ancoragem á terra, sua ligação orgânica com a música e seu senso de comunidade e de celebração, da festa, a reconecta com as culturas occitanas consideradas regressivas e feias na época de juventude da sua mãe. Em ambos os lados do oceano, essas práticas oriundas de tradições não institucionalizadas são pouco conhecidas e, às vezes, desprezadas pela ortodoxia cultural. Não são "refinadas" o suficiente? Não são distantes o suficiente? Rítmicas demais, generosas demais, alegres demais?

Através desta lecture performance, e do caminho desta artista-pesquisadora-transmissora, vem também a questão da identidade, plural, composta, conquistada, reconstruída. Transitando entre múltiplas heranças, a dança da Fanny atravessa saberes culturais e cultuais por vezes discordantes. *"De onde vem meu corpo? Qual(is) é(são) sua(s) cultura(s)? Aquela de onde venho ou as que me compõem? Entre dois continentes, um ex-colonizador e um ex-colonizado, entre arte, espaços sagrados e espaços seculares, entre todas as danças que me habitam, que lugar é esse de onde falo, esse lugar de onde danço?"*

## NOTA DE INTENÇÃO

*"Durante meu curto tempo de estudo de sociologia fiquei fascinada pelo poder das histórias contadas pelas pessoas que entrevistava para minhas investigações. O indivíduo e sua intimidade esclarecem e humanizam a sociedade. Redescobri a força dessa "espargata" durante minha pesquisa sobre as danças do orixá Exu, figura central nas filosofias das encruzilhadas, às vezes chamado de "o infinito + 1".*

*Desde 2000, tenho dedicado grande parte de meu trabalho à criação de um diálogo entre a dança contemporânea de tradição ocidental e as danças afro-brasileiras. Apresento regularmente minhas criações e pesquisas na França, onde quero testemunhar de uma possível ligação com outras formas de ser no mundo, e na dança. Quando apresento meu trabalho no Brasil, uma grande parte do público diz depois que experimentou uma verdadeira mudança de perspectiva e as trocas são sempre muito ricas : revelam pontos em comum e diferenças, zonas de surpresa e atrito, geram novas perguntas e reflexões... Idéias inesperadas aparecem também, sobre o lugar político que um trabalho como o meu poderia ocupar no Brasil por exemplo. "Por que o Brasil? Por que as danças do candomblé?" são as perguntas que mais me fazem, que seja na França, no Brasil e em outros lugares.*

*É dessas trocas e perguntas que vem meu desejo de criar uma forma autobiográfica que seja assertiva e direcionada. E para abraçar as razões profundas, íntimas e estruturais por trás de minhas escolhas, bem como a parte desconhecida, o mistério, do que as guiou, procuro dar às minhas respostas um gesto artístico, juntar o sensível e o imaginário com a informação.*

*"Meu lugar, mon endroit" (título provisório) da continuidade à pesquisa sobre o corpo como lugar de multiplicidade que realizei para criar o duo "Infinun-e" em 2021, peça inspirada pelo orixá Exu. Essa vez a questão será de me desdobrar e revelar enquanto corpo oriundo de patri-patrimônios incorporados, transformados e às vezes desaprendidos, um corpo oriundo de caminhos geográficos, artísticos, técnicos, sociais e culturais diversos e que foram acidentais, fluidos, contrariados ou óbvios. Um corpo múltiplo pelos outros pelos quais passou, um corpo-homenagem as suas comunidades, as suas mestras e mestres e aos seus ancestrais. No meio de um cruzamento entre encenação, coreografia, música, imagens e texto, procuro criar um tipo de escrínio para acolher a intimidade e a alteridade.*

*Embora eu tenha sofrido com a falta de reconhecimento de linguagens de dança não eurocêntricas, eu beneficieei de um privilégio estrutural: pude escolher me (re)construir por meio da dança, especialmente ao autofinanciar viagens transatlânticas durante 20 anos. Uma mulher negra de origem rural e de uma classe social equivalente à minha no Brasil não teria tido acesso a essa escolha.*

*Por fim, as culturas afro-brasileiras ainda estão lutando hoje contra a repressão violenta de uma forma de terrorismo religioso, contra o preconceito e o racismo. Quero compartilhar esse testemunho com elas para que, na minha medida, e se assim desejarem, eu possa lutar ao lado delas com minhas próprias armas e privilégios.»*

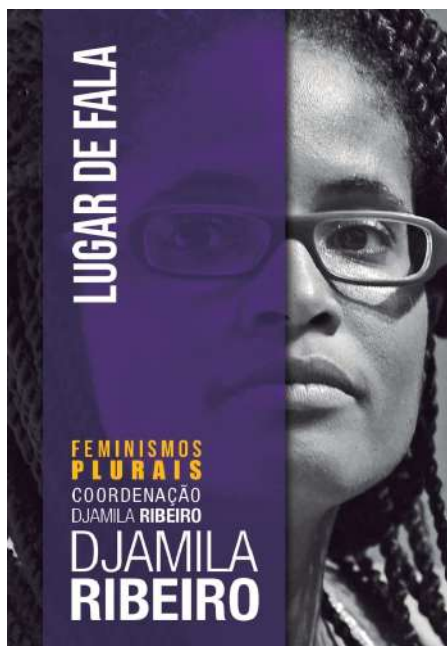
Fanny Vignals

Representação do orixá Exu,  
divindade afro-brasileira da  
comunicação, da sexualidade et  
da circulação.



© Fanny Vignals, *La Bouche du Monde* - Obra de João Lázaro - Casa do Mensageiro, Camaçari, Bahia, Brasil

## DE ONDE ESTOU FALANDO ? DE ONDE ESTOU DANÇANDO ?



### O conceito de *lugar de fala* no Brasil

O conceito de "lugar de fala" tem várias origens: Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Judith Butler e Eni Orlandi falam sobre as relações de poder presentes em diferentes tipos de discursos em função de seus enunciadores e da posição ocupada quando o discurso é enunciado. O termo foi popularizado no Brasil pela filósofa Djamila Ribeiro, que questiona quem tem o direito de falar em uma sociedade em que a masculinidade, a branquitude e a heterossexualidade são a norma. Essa noção destaca a multiplicidade de vozes e refuta a neutralidade do conhecimento. Ela acredita que pensar sobre o lugar da voz do enunciador é fundamental para refletir sobre hierarquias e opressões e romper com a história única.

### Lugar de fala e legitimidade

Desde a criação do seu solo *Atravessando...* em 2012 a abordagem artística da coreógrafa é acompanhada por um questionamento constante de seu lugar como artista europeia branca que escolheu, sozinha, completar sua formação, enriquecer sua arte e sua trajetória artística e de vida com as culturas negras brasileiras. Com a companhia Ona Tourna, trabalhamos diariamente para nutrir os gestos oriundos destas culturas com elementos sobre sua fonte, seu significado e seu contexto, inclusive o contexto no qual foram transmitidos a ela. Procuramos nutrir as nossas ações com compromissos conscientes. Compartilhamos essas reflexões fundamentais sobre **questões decoloniais** com nossos colaboradores e parceiros, com pesquisadores de diversas áreas e com os próprios atores das culturas afro-brasileiras.

*Meu lugar, mon endroit* (título provisório), forma **necessariamente sensível e problemática**, se propõe como **objeto artístico de reflexão e de intercâmbio em torno dessas questões tão importantes**.

## PREMISSAS E CONTINUIDADE ATÉ 2025

No início de 2023, dentro do contexto da etapa brasileira do projeto *R-Encontros*, ponte através da dança entre crianças brasileiras e francesas<sup>1</sup>, Fanny Vignals criou *Caminhos-chemins*, primeira palestra sobre sua trajetória no **Goethe Instituto em Salvador da Bahia**. Foi apresentada no **Espaço Cultural da Fundação Pierre Verger**, Engenho Velho de Brotas, depois nas comunidades periféricas mais afastadas de **Cajazeiras, Valéria e Coutos** (Espaços Culturais Boca de Brasa administrado pela Prefeitura de Salvador/

<sup>1</sup> ação de Educação Artística e Cultural internacional, o *R-Encontros* é uma ponte através da dança entre crianças brasileiras e francesas, incluindo um campo exploratório sobre a prevenção as violações de direitos das crianças. Para mais informações : <https://www.cieonatourna.com/actions-artistiques/rencontres>

Fundação Gregório de Mattos) e por fim no **Teatro Molière** em parceria com a **Aliança Francesa de Salvador**, no centro da cidade. A palestra também foi apresentada em Recife, na Casa das Artes e Comunicação da **UFPE**, em parceria com o Departamento de Dança e o grupo **PISADA, Pesquisas Interdisciplinares em Dança e Antropologia**.

Essa primeira narração foi então direcionada à crianças, jovens e adultos de comunidades urbanas periféricas, mas também à profissionais de prevenção à violência, profissionais da área cultural, artistas, adeptos do candomblé, estudantes e pesquisadores em dança, antropologia, sociologia entre outras. Com as ricas discussões que se seguiram cada apresentação...

**Em setembro e outubro de 2024**, graças ao apoio renovado da Embaixada da França no Brasil uma segunda forma da palestra, *Meu lugar* (mais política) será criada e apresentada no **Goethe Instituto de Salvador da Bahia** em parceria com o **Teatro Vila Velha**, no **Festival CumpliciCidades em Recife** em parceria com a **Aliança Francesa de Recife**, e no **Festival Par em Par da Bienal Internacional de Dança do Ceará**, em Fortaleza.

O espetáculo *Meu lugar, mon endroit* (título provisório) será criado em 2025 a partir destas duas palestras performadas, destes encontros e trocas.



Apresentação da palestra *Caminhos-chemins* no dia 9 de março de 2023 no Teatro Molière, Aliança Francesa de Salvador da Bahia. Artista convidado : Negrizu Santos. Fotos ©Maxime Fleuriot e ©Cristina Castro. Fotos projetadas no palco : à direita, Rosangela Silvestre ©Rosangela Silvestre ; à esquerda, Dona Egbomi Cici e uma fotografia de Pierre Fatumbi Verger ©Fondation Pierre Verger.

## POTENCIAL EDUCACIONAL, DESEJO DE DEMOCRATIZAÇÃO E DE ABERTURA

*Meu Lugar, mon endroit* (título provisório) evocará uma **ampla gama de danças e disciplinas**, "o que elas me fizeram ou estão me fazendo, como elas me tocaram, me emocionaram, me transportaram...", diz a coreógrafa.

A noção de celebração e de **feira**, e a **transdisciplinaridade** inerente às culturas de tradições orais, parecem-nos facilitar o acesso a públicos que não se sentem necessariamente próximos do universo da arte ou acostumados a assistir à espetáculos.

Falar sobre a relação de um dançarino com **o esforço, o desempenho, a competição, as exigências e o prazer** também é uma forma de alcançar aquela-es que praticam ou gostam o **esportes**.

A peça cruzará uma **variedade de mídias**: dança, contações dançadas-faladas ou "musicalizadas", leituras na tela, leituras pela artista, narrações em off, fotos e vídeos projetados ou ainda arquivos de entrevistas. Esse jogo de interação de diferentes modos de transmissão também é uma ponte para um público que não está familiarizado com a cultura da performance ao vivo.

Fanny Vignals falará sobre **aquela-es que a iniciaram** às **artes reconhecidas pela instituição**, mas também sobre aquela-es que abriram as portas para a **práticas das margens**, como as artes de rua, a música popular, o baile ou as culturas underground. Esperamos que todos esses elementos permitam uma recepção sensível e que essa peça ajuda todes a se sentirem (preocupades com questões de **alteridade, de encontro e de humanidade**).



Seleção de imagens do arquivo a partir do qual a projeção será criada :



Fanny Vignals, concurso do Besso Ballet de Toulouse FR, 1998



Fanny Vignals, La Rochelle (FR), adaptação in-situ do solo "Raiva", criado em 2000 - foto ©Gérard Arbey



Augusto Omolú (1963-2013) - dançarino, coreógrafo e transmissor das danças oriundas do candomblé  
Foto autorizada por sua família.



Vera Passos, bailarina, coreógrafa, professora, transmissora das danças oriundas do candomblé.



Susan Buirge, coreógrafa norte-americana, dança contemporânea.



O vodoun Shekuete no Terreiro Gume Sogboadan - Salvador de Bahia  
Foto ©Raimundo de Andrade



Fanny Vignals, solo *Atravessando...*, criação 2012, MDC de Gennevilliers (92,Fr) 2013  
Foto ©Christiphe Couffinhal



Fanny Vignals, solo *Atravessando...*, criação 2012, Igreja Saint Merry, Paris 2014  
Foto ©Yohann Guidel



Ana Pi e Fanny Vignals, duo NTÉFI, co-criação 2015 - Igreja Saint Merry, Cachoeira - Bahia, 2015. Imagem ©Maxime Fleuriot



Fanny Vignals e o público (alunos de escola secundária) na palestra dançada *Itán Jò*, Théâtre de Cormeilles-en-Parisis, 94-FR, outubro de 2016



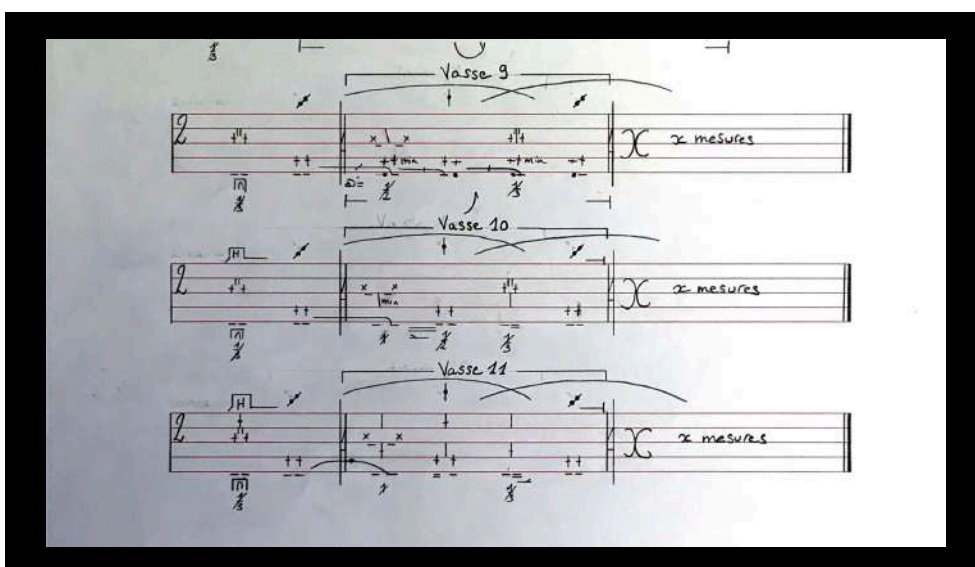
*Infinun·e*, criação 2021, Musée des Confluences, Lyon 69-FR, janeiro de 2021  
Imagem ©studio SLD



*Infinun·e*, criação 2021, Musée des Confluences, Lyon 69-FR, janeiro de 2021  
Imagem ©studio SLD



Fanny Vignals e o babalorixá Rychelmy de Exu, Casa do Mensageiro, Camaçari, Salvador de Bahia - Imagem ©Maxime Fleuriot



Exemplo de partitura Benesh da Johanna Classe, notadora e analista do movimento na pesquisa *La Bouche du Monde*, estudo sobre as danças do orixá Exu. ©Johanna Classe



Porta do barracão do terreiro Ilê Axé Barabo, Camaçari, Salvador de Bahia - Foto ©F. Vignals, *La Bouche du Monde*.

# CRONOGRAMA PREVISIONAL

## **Fevereiro-março de 2024 em Paris, Montreuil e Aubervilliers FR:**

Pesquisa dramaturgica "à mesa" (Fanny Vignals, Marie Doiret e Maxime Fleuriot).

## **21 de julho de 2024 em Simorre, 32-FR:**

Apresentação de uma performance, etapa de pesquisa, no Festival *Le Bouche à Oreille*.

*(setembro e outubro de 2024 : residência e turnê de "Meu lugar", palestra 2024 no Nordeste do Brasil)*

## **Novembro de 2024 (7 dias) em Brive la Gaillarde, 19-FR :**

Residência (Fanny Vignals e Marie Doiret) de escrita no New Danse Studio/Lieu de Fabrique :

--> *dramaturgia, criação da projeção foto/vídeo, trabalho no texto, coreografia,*

--> *apresentação pública work in progress.*

## **Janeiro de 2025 (7 dias) em região Occitânia, FR :**

Residência de pesquisa e criação (Fanny Vignals e Bastien Fontanille) :

--> *consultoria de especialistas em tradições occitanas, criação musical, gravação das narrações, trabalho adicional no texto e na coreografia,*

--> *apresentação pública work in progress.*

## **Entre janeiro e abril de 2025 (14 dias), região parisiense, FR :**

Residência de criação e finalização, (equipe da França + artistas do Brasil) :

--> *preparação da criação de luz, criação de figurino(s), finalização da projeção e do texto e criação do papel de percussionista convidado,*

--> *criação de luz e finalização de todos os outros aspectos citados em cima, mais a encenação*

--> *filmagem, sessões de fotos e criação dos elementos para a comunicação*

--> *ESTREIA FRANCESA*

## **Maio a julho de 2025:**

Turnê francesa (Fanny Vignals + um·a técnico·a da França + alagbês brasileiros convidados)

## **Agosto de 2025 (7 dias), Brasil :**

Residência para a adaptação da peça pelo Brasil.

--> *Trabalho no texto em português*

--> *Transmissão da luz e outros aspetos técnicos a Elinho Rosa.*

--> *ESTREIA BRASILEIRA*

## **Agosto a dezembro de 2025 :**

Turnê brasileira

## FANNY VIGNALS

### Direção artística, coreografia e interpretação

Coreógrafa contemporânea francesa, bailarina e musicista, Fanny Vignals desenvolve um trabalho de criação conectado a uma pesquisa sobre as danças rituais e populares afro-brasileiras. Em um universo estético entre abstração e força narrativa, ela desenvolve uma linguagem coreográfica cruzada, alimentada por uma profunda relação com a música e as culturas que a inspiram. Suas criações questionam a separação entre tradição e contemporaneidade, e brincam com os códigos e os espaços de representação. Procuram oferecer experiências sensíveis em torno da relação com a alteridade, a espiritualidade, a feminilidade, e também com as noções de circulação e de festa.

Após iniciar sua carreira na dança clássica, dois encontros transformaram profundamente seu caminho: o primeiro, em 1998 em Toulouse (FR), com a dança contemporânea, a improvisação e a composição, e um outro, um pouco depois, na Bahia, com as danças oriundas do Candomblé. Entrou no Centro Nacional da Dança Contemporânea em Angers (FR) em 2000 e escolheu completar sua formação no Brasil com Rosangela Silvestre, Augusto Omolú, Vera Passos, Zé Ricardo dos Santos e Dofono d'Omolú entre outros. Ao mesmo tempo continua se alimentando com o trabalho de coreógrafos contemporâneos como Maguy Marin, Susan Buirge, Carolyn Carlson, Wim Vandekeybus ou Nigel Charnock (DV8).

Como bailarina-interprete, assistente ou coreógrafa, colaborou com artistas na Europa, nas Antilhas e na América do Sul: Cie Latruc, Cie Arcane, Cia Aérea de Dança, Cie Difé Kako ou ainda o Collectif Sauf Le Dimanche. Ela é regularmente convidada a coreografar grupos musicais.

Fundando a companhia Ona Tourna em 2009, ela criou o solo *Atravessando...* (2012), o baile-espetáculo *Cruzamentos* (2015), o duo *Ntéfi*, co-criado com a coreógrafa Ana Pi (2015), e a conferência-espetáculo *Itàn Jó* (2016). Nasceram também as performances *AMA-Z* (Amazonas-2015) ou *Ainda dá, gestos para um não-poema* (2018) com 15 bailarines franco-brasileiros. Colocando a transmissão no coração do seu trabalho artístico, ela cria espetáculos para artistas amadores. É assim que ela foi coreógrafa da Academia da Ópera de Paris de 2016 a 2018. Titular do Diplôme d'État de professora de dança contemporânea, dá regularmente aulas e oficinas, incluso, este ano, no training do Centro Nacional da Dança (FR).

Em 2018 foi coreógrafa premiada da Fundação Royaumont onde lançou as bases da sua nova criação, o duo *Infinun·e*. Em paralelo, recebeu o apoio do CND para *La Bouche du Monde*, estudo sobre as danças do orixá Exu para a qual colaborou com iniciades e terreiros de Camaçari e Salvador da Bahia, com especialistas em antropologia da dança, análise do movimento e notação em dança. Colabora também com o videasta Maxime Fleuriot qui realiza *D'un Monde, l'Autre*, filme-documentário sobre esta pesquisa.

### Dê uma olhada no trabalho de Fanny Vignals :

Criações : <https://www.cieonatourna.com/creations/>

Pesquisa : <http://www.labouchedumonde.fr/>

## A COMPANHIA ONA TOURNA

A companhia Ona Tourna, com sede em Gennevilliers, na região parisiense, foi criada em 2009. Sua atividade está centrada na produção de espetáculos e sua difusão para um público mais largo possível.

A partir da dança como eixo de criação, a companhia explora cruzamentos entre artes e culturas, particularmente na relação entre dança e música. Ela constrói uma forma singular de escrita que reúne a dança chamada de « contemporânea » com culturas oriundas de tradições extra-europeias, particularmente afro-brasileiras.

Numa reflexão sobre os modos de manifestação da dança dependendo das culturas, as peças são apresentadas tanto no palco como em lugares não-teatrais, em diferentes relações com o público e o espaço: espetáculos, bailes, conferências-danças, criações « in situ », ou ainda performances.

Desejando encontrar os públicos e defender o lugar da arte nas escolas, nas grandes cidades como no interior, a companhia Ona Tourna realiza numerosos projetos de transmissão, ações artísticas e sensibilização dos públicos. A criação com artistas amadores é um dos pilares do seu trabalho.

Joëlle Chalopin, présidente,  
Marlène Geoffroid, trésorière,  
Cani Paramo, secrétaire.